

## SABERES DA EXPERIÊNCIA NA EJA: O RECONHECIMENTO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM

EXPERIENTIAL KNOWLEDGE IN YOUTH AND ADULT EDUCATION: RECOGNIZING PRIOR KNOWLEDGE AS A LEARNING STRATEGY

SABERES DE LA EXPERIENCIA EN LA EJA: EL RECONOCIMIENTO DE LOS CONOCIMIENTOS PREVIOS COMO ESTRATEGIA DE APRENDIZAJE

Elaine Augusta Orben de Oliveira<sup>1</sup>

Joguebede Rufino Marques<sup>2</sup>

Mariane Daltro Mariath<sup>3</sup>

Alexandre Justino Soares<sup>4</sup>

Sidcley Edson Novaes<sup>5</sup>

Melissa Cordeiro Pereira<sup>6</sup>

**RESUMO:** Este artigo teve como objetivo analisar o papel dos saberes da experiência na Educação de Jovens e Adultos (EJA), destacando o reconhecimento dos conhecimentos prévios como estratégia de aprendizagem e inclusão. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, realizada a partir da revisão de artigos científicos, dissertações, teses, livros e documentos oficiais publicados prioritariamente nos últimos cinco anos, sem desconsiderar as contribuições de autores clássicos como Paulo Freire e Miguel Arroyo. Os resultados evidenciam que a valorização dos saberes prévios promove maior engajamento, reduz a evasão e fortalece a autoestima dos estudantes, ao mesmo tempo em que potencializa a construção de aprendizagens significativas. Foi possível identificar ainda que essa prática contribui para currículos mais flexíveis e inclusivos, favorece o protagonismo dos alunos e amplia o alcance da cidadania crítica. Contudo, as produções analisadas também apontam para desafios que ainda persistem, como a necessidade de formação docente específica e a superação de estruturas rígidas que limitam o diálogo com a diversidade presente nas turmas da EJA. Conclui-se que reconhecer e integrar os conhecimentos prévios é condição fundamental para que a modalidade cumpra sua função emancipadora, reafirmando-se como espaço de reconstrução de dignidades, inclusão social e transformação democrática.

1290

**Palavras-chave:** Saberes da experiência. Educação de Jovens e Adultos. Conhecimentos prévios.

---

<sup>1</sup>Mestranda em educação formação de professores, UNEATLÂNTICO, Cantabria, Espanha.

<sup>2</sup>Mestranda em Educação, Universidade Europeia del Atlántico (UNEATLANTICO), Cantabria, Espanha.

<sup>3</sup>Mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação, IFPA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) Campus Santarém –

<sup>4</sup>Mestrado em Educação com especialidade em TIC na Educação- professorado. Universidad Europea del Atlantico UNEATLANTICO. Cantabria, Espanha.

<sup>5</sup>Especialista em Educação Matemática, (CESVASF) Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco, GRE Deputado Antônio Novaes.

<sup>6</sup>Mestra em ensino de espanhol ele como língua estrangeira. UEMC Universidad europea miguel de cervantes. Valladolid, Espanha.

**ABSTRACT:** This article aimed to analyze the role of experiential knowledge in Youth and Adult Education (EJA), highlighting the recognition of prior knowledge as a strategy for learning and inclusion. It is a bibliographic research, carried out through the review of scientific articles, dissertations, theses, books, and official documents published mainly in the last five years, without disregarding the contributions of classic authors such as Paulo Freire and Miguel Arroyo. The results show that the valorization of prior knowledge promotes greater engagement, reduces dropout rates, and strengthens students' self-esteem, while enhancing the construction of meaningful learning. It was also possible to identify that this practice contributes to more flexible and inclusive curricula, fosters students' protagonism, and broadens the scope of critical citizenship. However, the analyzed studies also point to challenges that persist, such as the need for specific teacher training and the overcoming of rigid structures that limit dialogue with the diversity present in EJA classes. It is concluded that recognizing and integrating prior knowledge is a fundamental condition for this modality to fulfill its emancipatory function, reaffirming itself as a space for dignity reconstruction, social inclusion, and democratic transformation.

**Keywords:** Experiential knowledge. Youth and Adult Education. Prior knowledge.

**RESUMEN:** Este artículo tuvo como objetivo analizar el papel de los saberes de la experiencia en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), destacando el reconocimiento de los conocimientos previos como estrategia de aprendizaje e inclusión. Se trata de una investigación bibliográfica, realizada a partir de la revisión de artículos científicos, dissertaciones, tesis, libros y documentos oficiales publicados principalmente en los últimos cinco años, sin dejar de lado las contribuciones de autores clásicos como Paulo Freire y Miguel Arroyo. Los resultados muestran que la valorización de los saberes previos promueve un mayor compromiso, reduce la deserción y fortalece la autoestima de los estudiantes, al mismo tiempo que potencia la construcción de aprendizajes significativos. También fue posible identificar que esta práctica contribuye a currículos más flexibles e inclusivos, fomenta el protagonismo de los alumnos y amplía el alcance de la ciudadanía crítica. Sin embargo, los estudios analizados también señalan desafíos que aún persisten, como la necesidad de una formación docente específica y la superación de estructuras rígidas que limitan el diálogo con la diversidad presente en las clases de la EJA. Se concluye que reconocer e integrar los conocimientos previos es condición fundamental para que la modalidad cumpla su función emancipadora, reafirmándose como un espacio de reconstrucción de dignidades, inclusión social y transformación democrática.

1291

**Palabras clave:** Saberes de la experiencia. Educación de Jóvenes y Adultos. Conocimientos previos.

## INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) se constitui como um espaço de reconhecimento e valorização da diversidade de trajetórias que marcam a vida de sujeitos que, por diferentes razões, não tiveram acesso à escolarização em tempo regular. Mais do que um modelo alternativo, a EJA assume o papel de resgatar a cidadania desses estudantes, legitimando seus saberes, suas experiências e seus modos de compreender o mundo. Como destacam Arroyo (2017), a escola não pode ignorar os conhecimentos construídos nas práticas sociais, pois são

eles que conferem sentido e identidade ao processo educativo. Assim, compreender a EJA implica reconhecer que o aprendizado formal precisa dialogar com a vida cotidiana e com os saberes prévios que os alunos já carregam.

Nesse contexto, os saberes da experiência ganham centralidade, uma vez que constituem o acúmulo de aprendizagens construídas nas relações sociais, no trabalho, na família e na comunidade. Para Freire (1996), ensinar exige respeitar os saberes que os educandos trazem, valorizando-os como ponto de partida para o conhecimento escolar. Essa perspectiva rompe com a visão tradicional da escola como espaço de mera transmissão e coloca o aluno da EJA no centro do processo, reconhecendo-o como sujeito histórico capaz de produzir e compartilhar saberes.

A valorização dos conhecimentos prévios não se restringe a um gesto de acolhimento pedagógico, mas representa uma estratégia de aprendizagem que promove maior engajamento e sentido ao que é ensinado. De acordo com Gadotti (2019), quando a escola conecta o currículo às vivências dos estudantes, ela amplia o alcance da aprendizagem e fortalece a autoestima dos sujeitos, tornando-os participantes ativos da construção do saber. Na EJA, essa estratégia se torna ainda mais relevante, visto que a heterogeneidade das turmas demanda práticas pedagógicas que respeitem e potencializem os percursos individuais.

1292

Outro ponto importante é compreender que a EJA carrega um caráter emancipatório, sendo um direito assegurado pela legislação brasileira. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) já reconhece a modalidade como fundamental para garantir acesso, permanência e qualidade educacional a todos que não concluíram os estudos na idade adequada. Assim, o reconhecimento dos saberes da experiência se alinha não apenas à prática pedagógica, mas também a uma perspectiva de justiça social, pois legitima trajetórias interrompidas e promove inclusão.

Ao considerar os saberes prévios, o professor da EJA encontra caminhos para tornar o ensino mais significativo e contextualizado. Para Arroyo (2011), os educadores precisam assumir uma postura de escuta atenta e diálogo, reconhecendo nos alunos sujeitos de direito e não apenas receptores de conteúdos. Essa abordagem exige romper com práticas homogeneizadoras e construir ambientes de aprendizagem que se abrem ao diálogo, à pluralidade e à participação ativa dos estudantes.

Por fim, ao reconhecer e integrar os conhecimentos prévios como estratégia pedagógica, a EJA reafirma seu compromisso de transformar vidas e ampliar horizontes. Mais do que um

espaço de alfabetização ou certificação, trata-se de um campo de reafirmação da dignidade humana, de reconstrução da autoestima e de projeção de novos futuros possíveis. A valorização dos saberes da experiência não apenas legitima trajetórias, mas também fortalece a construção de uma escola democrática, dialógica e verdadeiramente inclusiva.

## MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, voltada à análise de produções científicas e referenciais teóricos que abordam os saberes da experiência no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escolha desse delineamento metodológico se justifica pelo objetivo de compreender como diferentes autores têm discutido a valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes como estratégia pedagógica. Segundo Gil (2017), a pesquisa bibliográfica permite o exame sistemático de trabalhos já publicados, oferecendo subsídios teóricos que possibilitam a ampliação da compreensão sobre determinado fenômeno.

A construção da investigação foi orientada pela seleção criteriosa de artigos científicos, dissertações, teses, livros e documentos oficiais relacionados à temática. A busca concentrou-se em bases de dados acadêmicas de acesso livre, tais como Scielo, Google Scholar e revistas nacionais da área de Educação, priorizando produções publicadas nos últimos cinco anos. No entanto, também foram incorporadas obras clássicas que permanecem relevantes para a compreensão do objeto, como as contribuições de Paulo Freire e Miguel Arroyo, fundamentais para a reflexão sobre a EJA e os saberes da experiência.

1293

O processo de levantamento bibliográfico foi conduzido por meio de palavras-chave específicas, tais como “Educação de Jovens e Adultos”, “saberes da experiência”, “conhecimentos prévios” e “aprendizagem significativa”. A utilização desses descritores possibilitou identificar produções que dialogam diretamente com o tema proposto, assegurando maior precisão na análise. De acordo com Lakatos e Marconi (2019), o rigor na definição de critérios de busca é essencial para garantir a consistência metodológica de uma pesquisa bibliográfica.

Após a coleta, o material selecionado passou por leitura exploratória, seguida de leitura analítica. A leitura exploratória permitiu verificar a relevância inicial de cada estudo, enquanto a leitura analítica possibilitou identificar conceitos-chave, aproximações teóricas e divergências entre os autores. Essa sistematização possibilitou agrupar contribuições em torno de eixos

centrais, como a valorização dos saberes prévios, as práticas pedagógicas inclusivas e o papel emancipatório da EJA.

A análise foi desenvolvida de forma interpretativa, com base em um olhar crítico e comparativo sobre os referenciais encontrados. Nesse sentido, buscou-se identificar não apenas convergências, mas também tensões e lacunas presentes na literatura. Para Severino (2018), a pesquisa bibliográfica deve ir além da simples reprodução de ideias, exigindo do pesquisador a capacidade de confrontar perspectivas e elaborar sínteses que contribuam para o avanço do conhecimento.

Por fim, cumpre destacar que a pesquisa bibliográfica aqui apresentada não envolve coleta de dados com sujeitos humanos, o que dispensa submissão a comitê de ética em pesquisa. No entanto, seguiu-se o rigor acadêmico quanto ao uso ético de informações, assegurando a devida citação das fontes consultadas e a fidelidade às ideias originais dos autores. Assim, este estudo mantém-se alinhado às boas práticas científicas, respeitando a integridade da produção acadêmica e garantindo a confiabilidade dos resultados obtidos.

## RESULTADOS

A análise do material bibliográfico consultado evidencia que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) se estrutura como espaço privilegiado para a valorização das experiências de vida dos estudantes, sobretudo porque lida com sujeitos que trazem histórias marcadas por interrupções, retornos tardios à escola e trajetórias permeadas por desafios sociais. Os trabalhos analisados reforçam que o reconhecimento dos saberes prévios é um dos caminhos mais promissores para tornar o processo educativo significativo e emancipador, pois conecta a sala de aula com o cotidiano real dos estudantes, como já apontava Arroyo (2017), ao defender que a escola precisa legitimar a trajetória dos educandos e não apagar suas marcas de vida.

Nos estudos mais recentes, a valorização dos conhecimentos prévios aparece como estratégia de engajamento e permanência dos alunos, já que atribui sentido ao que é ensinado e cria vínculos entre o saber formal e a prática social. Gadotti (2019) enfatiza que o currículo da EJA deve ser construído em diálogo com a vida dos estudantes, reconhecendo seus contextos culturais, sociais e laborais, de modo a assegurar aprendizagens que extrapolam a dimensão meramente instrumental. Essa perspectiva rompe com modelos tradicionais e promove uma educação mais democrática.

Outro aspecto revelado pela revisão é que os saberes da experiência não se configuram como conhecimentos inferiores, mas como parte essencial da aprendizagem. Ao contrário da lógica de hierarquização entre o saber científico e o saber popular, os estudos analisados defendem a ideia de complementaridade. Freire (1996) já defendia que a educação precisa partir da leitura de mundo dos educandos para chegar à leitura da palavra. Tal princípio, reafirmado em pesquisas atuais, mostra que a prática pedagógica que valoriza as vivências dos alunos os transforma em protagonistas do processo educativo.

Além de contribuir para o fortalecimento da aprendizagem, o reconhecimento dos saberes prévios tem impacto direto sobre a autoestima e a identidade dos sujeitos que frequentam a EJA. Muitos chegam ao espaço escolar marcados por experiências de fracasso ou exclusão, e o ato de legitimar seus conhecimentos funciona como mecanismo de reparação e inclusão. Souza (2021) observa que o respeito às vivências dos alunos favorece não apenas o desempenho escolar, mas também a valorização de suas trajetórias, ajudando-os a ressignificar a relação com a escola.

Outro resultado encontrado diz respeito à redução da evasão escolar. Ao analisar experiências em escolas de EJA, Oliveira (2020) mostra que turmas que reconhecem os saberes dos estudantes como ponto de partida registram maior permanência e engajamento. Isso ocorre porque os alunos encontram sentido no que aprendem e percebem que a escola dialoga com sua realidade. A evasão, portanto, não deve ser entendida apenas como fenômeno estrutural, mas também como reflexo de práticas pedagógicas pouco sensíveis ao contexto do aluno.

1295

A pesquisa também revelou a íntima relação entre os saberes da experiência e a aprendizagem significativa. De acordo com Ausubel, citado por Moreira (2019), novos conteúdos só são verdadeiramente aprendidos quando se conectam a conhecimentos já existentes. Na EJA, esse princípio assume força especial, já que os estudantes chegam com bagagem cultural e social que precisa ser reconhecida como mediadora da aprendizagem. Quando essa conexão não ocorre, o ensino tende a perder sentido e tornar-se mera memorização.

Outro eixo identificado diz respeito à necessidade de currículos flexíveis que dialoguem com a diversidade dos estudantes. Silva e Lima (2022) apontam que a EJA não pode se restringir a currículos engessados e lineares, pois a heterogeneidade das turmas exige propostas abertas e contextualizadas. Essa flexibilidade é condição essencial para que os conhecimentos prévios dos estudantes sejam efetivamente incorporados ao processo de ensino.

Os resultados também evidenciam que a prática pedagógica na EJA demanda dos professores uma postura de escuta e investigação permanente. Ferreira (2021) destaca que os docentes precisam aprender com seus alunos, acolhendo suas narrativas e observando suas práticas sociais como fonte de conhecimento pedagógico. Essa postura rompe com a visão do professor como detentor único do saber e transforma o espaço da sala de aula em espaço de diálogo e de produção coletiva de conhecimento.

Os dados levantados ainda mostram que reconhecer os saberes prévios contribui para o fortalecimento da cidadania crítica. Freire (1996) defende que a educação não pode ser reduzida à mera transmissão de conteúdos, mas deve ser prática de liberdade, na qual os educandos se percebam como sujeitos capazes de transformar sua realidade. Essa ideia permanece atual e é corroborada por Ribeiro (2022), que analisa como práticas dialógicas na EJA promovem autonomia, pensamento crítico e empoderamento social.

Outra constatação é a de que a EJA abriga turmas altamente heterogêneas, compostas por jovens, adultos e idosos com trajetórias distintas. Santos (2020) afirma que essa diversidade deve ser vista como riqueza pedagógica e não como obstáculo, já que amplia o repertório cultural presente na sala de aula. Ao compartilhar experiências, os estudantes se tornam coformadores, contribuindo uns com os outros em um processo de ensino colaborativo.

1296

Os estudos analisados também mostram que o reconhecimento dos saberes prévios se articula com os princípios de uma pedagogia inclusiva, na medida em que legitima vozes, culturas e práticas que historicamente foram silenciadas. Almeida (2021) ressalta que considerar as experiências dos alunos da EJA é reconhecer a pluralidade de identidades que compõem a sociedade brasileira, ampliando a dimensão democrática da escola.

Outro ponto recorrente foi a associação entre os saberes da experiência e o desenvolvimento do pensamento reflexivo. Ribeiro (2022) observa que quando os estudantes têm espaço para relacionar os conteúdos escolares com suas vivências, eles desenvolvem a capacidade de analisar criticamente a realidade, o que fortalece a função social da escola como espaço de emancipação.

Os trabalhos consultados também reforçam que a valorização dos conhecimentos prévios está intimamente ligada ao fortalecimento do protagonismo dos estudantes. Lima (2021) afirma que quando os professores reconhecem o repertório dos alunos, abrem caminho para práticas pedagógicas nas quais eles assumem papel ativo, participam das decisões e se percebem como sujeitos do processo educativo, rompendo com a lógica de passividade.

Outro achado importante foi a valorização da oralidade como recurso pedagógico. Silva (2020) salienta que o incentivo à narrativa das histórias de vida dos estudantes é ferramenta fundamental na EJA, pois além de dar voz às experiências, enriquece a aprendizagem e reafirma a identidade dos sujeitos. Esse recurso aproxima os alunos da escola e promove maior interação com os conteúdos.

Os resultados também indicam que reconhecer os saberes prévios significa contribuir para a justiça social. Arroyo (2017) argumenta que a EJA deve ser entendida como espaço de reparação de direitos negados e de reconstrução de trajetórias interrompidas. Ao legitimar experiências, a escola cumpre papel de inclusão e democratização do conhecimento, reafirmando-se como política pública essencial.

Outro aspecto relevante é que a valorização das experiências favorece a interdisciplinaridade. Barbosa e Costa (2022) demonstram que a partir das vivências dos alunos é possível articular diferentes áreas do conhecimento, tornando o processo de ensino menos fragmentado e mais próximo da realidade social. Esse caráter interdisciplinar é fundamental para dar sentido ao aprendizado.

As pesquisas também destacam a necessidade de formação docente específica para atuar na EJA. Souza (2020) reforça que a preparação dos professores é essencial para compreender as particularidades desse público e elaborar metodologias que valorizem seus saberes. A ausência dessa formação tende a reproduzir práticas excludentes e pouco sensíveis à diversidade.

1297

Outro eixo encontrado foi a dimensão intergeracional da EJA. Carvalho (2021) mostra que a convivência entre diferentes gerações possibilita trocas ricas de experiências, fortalecendo vínculos sociais e ampliando horizontes formativos. Essa interação gera um espaço de solidariedade e aprendizado coletivo que vai além do conteúdo formal.

As produções também relacionam os saberes da experiência com a ideia de educação ao longo da vida. A UNESCO (2021) ressalta que valorizar os conhecimentos prévios significa reconhecer que o aprendizado não se restringe a um tempo específico, mas se estende ao longo de toda a trajetória do sujeito. Esse princípio fortalece a ideia de que a EJA é espaço de desenvolvimento contínuo.

Por fim, os estudos revisados convergem para a compreensão de que a valorização dos saberes da experiência contribui para a reconstrução da dignidade dos sujeitos. Oliveira (2020) destaca que legitimar as experiências de vida é reafirmar o compromisso da escola com a

cidadania, transformando a EJA em espaço de reconhecimento, inclusão e emancipação. Essa conclusão sintetiza o papel essencial da modalidade como promotora de justiça social.

## DISCUSSÃO

Os resultados obtidos na revisão bibliográfica confirmam que os saberes da experiência ocupam posição central no processo de ensino e aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse achado converge com as reflexões de Paulo Freire (1996), para quem a educação precisa partir do mundo vivido pelos estudantes, reconhecendo suas trajetórias como parte do ato de aprender. A prática pedagógica, quando enraizada nesse princípio, rompe com a lógica bancária e promove uma educação dialógica e emancipatória.

Ao mesmo tempo, a valorização dos conhecimentos prévios aparece na literatura como um fator determinante para a permanência e o engajamento dos estudantes. Oliveira (2020) mostrou que quando a escola reconhece e legitima as experiências dos alunos, estes tendem a permanecer mais tempo no processo educativo. Esse dado é essencial, pois a evasão ainda é um dos grandes desafios da EJA no Brasil, e sua redução passa pela construção de práticas pedagógicas mais humanizadas e contextualizadas.

Outro ponto de destaque é a relação entre saberes prévios e aprendizagem significativa. Para Moreira (2019), inspirado em Ausubel, o aprendizado só se torna efetivo quando novos conteúdos dialogam com estruturas já presentes na mente do aluno. Essa constatação confirma que os saberes da experiência não apenas enriquecem a prática educativa, mas também funcionam como ponte entre o conhecimento formal e as realidades sociais dos estudantes.

No entanto, a análise também revelou lacunas na formação docente, especialmente no que diz respeito à capacidade dos professores de integrar os saberes prévios às práticas de sala de aula. Souza (2020) enfatiza que, muitas vezes, os docentes da EJA reproduzem metodologias da educação regular, sem considerar as especificidades da modalidade. Esse descompasso limita o potencial emancipador da EJA e reforça a necessidade de programas de formação continuada mais consistentes.

Outro aspecto discutido nos estudos é a contribuição dos saberes da experiência para a construção de currículos flexíveis e inclusivos. Para Silva e Lima (2022), a rigidez curricular impede que a escola dialogue com as trajetórias plurais dos estudantes. Isso significa que a prática educativa precisa se afastar de modelos padronizados e investir em propostas que acolham a diversidade cultural, social e geracional presente nas turmas de EJA.

Os resultados também mostraram que o reconhecimento das experiências promove o fortalecimento da cidadania crítica, um ponto amplamente discutido por Freire (1996) e ainda reafirmado em pesquisas recentes. Ribeiro (2022) observa que práticas que legitimam as vivências dos alunos criam condições para o desenvolvimento de sujeitos críticos, capazes de refletir sobre sua realidade e atuar de forma transformadora em seus contextos. Essa dimensão política da EJA amplia sua função social para além da alfabetização e certificação.

Entretanto, a literatura também aponta para desafios que ainda persistem, especialmente relacionados às condições estruturais da EJA. Muitos estudos destacam a falta de investimentos, materiais e políticas públicas consistentes que apoiem a valorização dos saberes da experiência (Arroyo, 2017). Essa limitação estrutural evidencia que, embora o discurso da valorização seja frequente, sua efetivação depende de condições concretas de trabalho docente e de gestão escolar.

Outro ponto de análise é o potencial intergeracional das turmas de EJA. Carvalho (2021) ressalta que a convivência entre jovens, adultos e idosos cria um ambiente rico de trocas de experiências. Essa diversidade, se bem aproveitada, pode se transformar em recurso pedagógico poderoso, mas exige do professor a habilidade de mediar diferenças e estimular a cooperação entre os grupos.

1299

Além disso, a literatura sugere que a valorização dos conhecimentos prévios fortalece práticas de interdisciplinaridade, aproximando a escola das vivências reais dos estudantes. Barbosa e Costa (2022) defendem que integrar as áreas do conhecimento a partir das experiências dos alunos rompe com a fragmentação tradicional do currículo e amplia as possibilidades de aprendizagem. Essa abordagem, contudo, ainda encontra resistência em sistemas de ensino que priorizam conteúdos estanques e avaliações padronizadas.

Por fim, a discussão permite afirmar que, embora avanços significativos tenham ocorrido no reconhecimento dos saberes da experiência, ainda há um longo caminho a percorrer para consolidar essa prática na EJA. As limitações estruturais, a formação docente insuficiente e a rigidez curricular se colocam como barreiras a serem enfrentadas. Ao mesmo tempo, os estudos analisados mostram que, quando os conhecimentos prévios são valorizados, a EJA cumpre seu papel emancipador, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

## CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa bibliográfica permitiram compreender que os saberes da experiência representam um eixo fundamental para a construção de práticas pedagógicas mais significativas na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao reconhecer os conhecimentos prévios dos estudantes, a escola não apenas promove a aprendizagem, mas também legitima trajetórias de vida marcadas por exclusões e retomadas tardias da escolarização. Como apontam Freire (1996) e Arroyo (2017), valorizar a experiência significa romper com uma concepção de educação bancária e avançar em direção a uma proposta dialógica, crítica e transformadora.

Ficou evidente que a incorporação dos saberes prévios contribui para reduzir a evasão escolar e fortalecer o engajamento dos estudantes, aspectos historicamente frágeis na EJA. Oliveira (2020) mostra que práticas pedagógicas que dialogam com a realidade dos alunos favorecem a permanência e ampliam o sentido do aprendizado. Ao mesmo tempo, a literatura demonstra que essa valorização gera impactos positivos na autoestima dos sujeitos, ajudando-os a se reconhecerem como protagonistas do processo educativo e cidadãos de direito.

A pesquisa também evidenciou que a valorização dos conhecimentos prévios se conecta diretamente à ideia de aprendizagem significativa, como defendido por Ausubel e retomado por Moreira (2019). Na prática, isso significa que o ensino na EJA deve partir das experiências dos alunos para, a partir delas, introduzir novos conteúdos. Esse processo de articulação entre saberes garante maior eficácia pedagógica e consolida a escola como espaço de produção de conhecimento, e não apenas de reprodução de informações.

1300

Entretanto, algumas limitações estruturais ainda se colocam como desafios a serem superados. A falta de investimentos consistentes em políticas públicas, a insuficiência da formação docente específica para a EJA e a rigidez curricular são apontadas como barreiras que dificultam a efetivação plena dessa abordagem (Souza, 2020; Silva; Lima, 2022). Superar tais entraves é condição essencial para que a EJA cumpra sua função emancipadora, consolidando-se como espaço de inclusão, diálogo e justiça social.

Por fim, pode-se afirmar que a EJA, ao reconhecer e valorizar os saberes da experiência, reafirma seu papel como modalidade educativa capaz de reconstruir dignidades e abrir novos horizontes. O estudo demonstra que, mais do que ensinar conteúdos escolares, a EJA possibilita a reconstrução de trajetórias de vida, fortalece identidades e contribui para a construção de uma sociedade mais democrática. Assim, investir na valorização dos conhecimentos prévios é

investir na humanização da educação e na transformação social, reafirmando o compromisso de uma escola que acolhe, respeita e emancipa.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. J. **Educação inclusiva e diversidade cultural:** reflexões sobre a prática docente. *Revista Práxis Educacional*, v. 17, n. 45, p. 203-220, 2021.
- ARROYO, M. G. **Ofício de mestre:** imagens e autoimagens. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ARROYO, M. G. **Passageiros da noite:** do trabalho para a EJA - itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BARBOSA, L. C.; COSTA, R. C. **Currículo interdisciplinar na Educação de Jovens e Adultos:** experiências e desafios. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, v. 4, n. 8, p. 56-72, 2022.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília: Presidência da República, 1996.
- CARVALHO, A. P. **Educação intergeracional na EJA:** diálogos e práticas pedagógicas. *Revista Educação em Questão*, v. 59, n. 55, p. 1-18, 2021.
- FERREIRA, J. P. **Saberes da experiência e prática docente na EJA:** uma análise crítica. *Revista Educação em Debate*, v. 43, n. 83, p. 119-134, 2021.
- 
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. **Educação de Jovens e Adultos:** teoria, prática e proposta. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2019.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- LIMA, T. R. **Protagonismo discente na Educação de Jovens e Adultos.** *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, v. 3, n. 6, p. 85-101, 2021.
- MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa:** a teoria de David Ausubel. São Paulo: Centauro, 2019.
- OLIVEIRA, D. C. **Permanência e evasão na EJA:** um estudo sobre práticas pedagógicas inclusivas. *Revista Educação e Contemporaneidade*, v. 29, n. 56, p. 45-60, 2020.
- RIBEIRO, L. C. **Educação crítica e emancipatória na EJA:** desafios contemporâneos. *Revista Teias*, v. 23, n. 68, p. 91-108, 2022.

SANTOS, A. P. **Diversidade etária na EJA: potencialidades e desafios.** Revista Educação em Foco, v. 25, n. 2, p. 233-248, 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

SILVA, C. M. **A oralidade como estratégia pedagógica na EJA.** Revista Cadernos de Educação, v. 19, n. 40, p. 177-192, 2020.

SILVA, R. A.; LIMA, J. F. **Flexibilidade curricular na Educação de Jovens e Adultos: propostas e limites.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 17, n. 1, p. 345-362, 2022.

SOUZA, J. P. **Formação docente e práticas pedagógicas na EJA: reflexões contemporâneas.** Revista Perspectiva, v. 39, n. 1, p. 65-80, 2020.

SOUZA, V. H. **Reconhecimento de saberes e autoestima de alunos da EJA.** Revista Educação e Realidade, v. 46, n. 2, p. 1-18, 2021.

UNESCO. **Relatório de Monitoramento da Educação 2021: inclusão e educação ao longo da vida.** Brasília: UNESCO, 2021.